

# AS INTERFACES DO CURRÍCULO DO CURSO DE LETRAS VERNÁCULAS DO CAMPUS II DA UNEB: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

Edilsa Mota Santos Bastos<sup>1</sup>

*Resumo:* A primeira proposta de currículo mínimo para os cursos de Letras foi aprovada em 1962, substituindo o denso currículo antigo que abrangia conjuntos de línguas e o grupo das Línguas Neolatinas. O novo currículo previa a modalidade de licenciatura dupla, além do oferecimento de matérias pedagógicas. Esse currículo mínimo vigorou por 34 anos até que em 1996 a LDB extinguiu a obrigatoriedade de currículos mínimos e, em seu lugar, surgiram as diretrizes curriculares. Em 2001 são aprovadas as Diretrizes para o curso de Letras, determinando estruturas flexíveis para a composição do currículo, que deixa de ter como foco as disciplinas e passa a ser entendido como “todo e qualquer conjunto de atividades acadêmicas que integralizam um curso” (PAIVA, 2005). Por outro lado o professor passa a ter duplo papel já que se espera que ele, além de se responsabilizar pelos conteúdos, tenha a função de orientador, influenciando na qualidade da formação do aluno. Em 2002 a Resolução N<sup>o</sup> 01 de 18/02 faz novos reajustes às Diretrizes colocando como pontos de abordagem dos cursos: o preparo para o uso de novas tecnologias para o fazer pedagógico; aprendizagem orientada pela ação-reflexão-ação; a pesquisa, com foco no processo de ensino e de aprendizagem; previsão de eixo articulador da formação; incentivo a flexibilidade e estágio curricular articulado com o restante do curso. Mediante exposição das mudanças sofridas pelo currículo de Letras, esta pesquisa objetiva analisar três pontos básicos no currículo atual, a saber: a) as condições estruturais de oferta prescritas nas Diretrizes (salas, laboratórios e recursos); b) organização didático-pedagógicas (PPP/Letras); c) a interface com os estudos culturais com o intuito de preparar os estudante da casa para formação continuada. Assim, esta pesquisa é de caráter documental, visto que utilizaremos como recurso de estudo e análise os documentos referentes ao Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras atual, assim como recorreremos a arquivos documentais do antigo currículo, no intuito de estabelecer uma metodologia contrastiva. Para isso, o Acervo Documental Iraci Gama será de grande utilidade para que possamos, caso seja possível, recuperar documentos antigos do curso de Letras que hoje se encontram em condições precárias de utilização. O interesse pelo tema surge a partir do envolvimento quanto membro, dos estudos e discussões do Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagens (GEREL) e da Linha 2: Letramento, identidade e formação de professores. Esta pesquisa está vinculada ao projeto matriz da professora Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz, intitulado: “Literatura e situação Pedagógica: o letramento literário nos textos do livro didático de língua portuguesa do Ensino Fundamental II – triênio 2013 a 2015”.

*Palavras-chave:* Currículo. Interfaces. Interculturalidade.

## INTRODUÇÃO

O presente Projeto visa conhecer o disposto no Currículo do Curso de Letras Vernáculas em vigor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus II na Cidade de Alagoinhas (BA), num período que compreende 2001 a 2017. O presente estudo versa identificar as características que compõe o currículo do Curso frente aos estudos culturais, tais estudos e pesquisa estão representados por estudiosos/as que se debruçam sobre o tema e suas nuances, a respeito da origem, contexto histórico, questões políticas, econômicas, culturais, educacionais e as mudanças ocorridas ao logo da História até nossos dias.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica – UNEB), linha 2: formação de professores, letramento e identidade. Graduada em Lic. Em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Endereço eletrônico: edilsamota@hotmail.com. Orientadora Maria de Fátima Berenice da Cruz. Endereço eletrônico: fatimaberenice@terra.com.br.

Para contextualizar os aspectos citados no campo da interculturalidade educacional, dialogaremos com Wash (2009), explanando as categorias apresentadas pela autora, a primeira é a interculturalidade relacional, a segunda é a interculturalidade funcional e a terceira é a interculturalidade crítica. Também dialogaremos com Santiago, Akkari e Marques (2013), buscando fomentar a interculturalidade educacional no Brasil tecida enquanto marco histórico.

Para engendrar no campo do movimento histórico da educação desde o período Colonial até nossos dias, nos debruçaremos sobre as contribuições de Saviani (2013), nas quais o autor corrobora traçando aspectos que envolvem a educação brasileira numa trama densa. Outras contribuições também de grande valia é do autor Paulo Ghiraldelli jr. (2006), que discute marcos históricos da educação no Brasil e concepções atreladas ao campo educacional.

No campo da construção teórica do conhecimento a partir das pesquisas documentais, o diálogo é constituído por Reinaldo Marques (2008), que problematiza as buscas e estudos através dos documentos históricos e acervos documentais. Carlos Bacellar (2018), contribui também para a utilização das fontes históricas, com enfoque para o bom e mau uso das fontes documentais de forma geral e que nos permite interpretar de forma abrangente que acolha os documentos sobre currículos.

De acordo com Macedo (2002; 2013), a história do currículo se dar de forma colonizada de migrantes. No entanto, na busca de aprimorar o currículo em suas singularidades, ocorre naturalmente, a descolonização histórica desse instrumento social, conferindo-lhes identidade singular, norteadas pelo “direito à diferença e a igualdade”, são sinais de pluralidade de um instrumento com caráter administrativo, criado em meio a Revolução Industrial. Podemos constatar nos estudos sobre currículo, as contribuições de outros autores e pesquisadores como Silva (2005) e Sacristán (2013).

## **1 CURRÍCULO**

De acordo com Silva (2005), o currículo passa por uma “análise social e cultural”, o que significa que está sempre sendo estudado e pesquisado, pois, suscita muitas indagações no campo das representações teóricas. Existe uma relação de interdependência do objeto com a teoria, como explicita o autor, para tanto, precisamos interpelar o objeto ou a teoria:

Podemos ver como isso funciona num caso concreto. Provavelmente o currículo aparece pela primeira vez como um objeto específico de estudo e pesquisa nos Estados Unidos dos anos vinte. Em conexão com o processo de industrialização e os movimentos imigratórios, que intensificavam a massificação da escolarização, houve um impulso, por partes de pessoas ligadas sobretudo à administração da educação, para racionalizar o processo de construção, desenvolvimento e testagem de currículos (SILVA, 2005, p. 12).

O modelo de currículo criado nesse contexto, revela o quanto a criação desse objeto foi intencional. A priori foi só uma teoria experimental diante da conglomeração provocada pela imigração de massa, como discorre Silva. No entanto, uma vez que houveram descobertas significativas no decorrer da “administração educacional”, o currículo deixa de ser um instrumento teórico-experimental para ser um instrumento real, “é visto como um processo de racionalização de resultados educacionais, cuidadosa e rigorosamente especificados e medidos”.

Sacristán (2013, p. 16-17), contribui com a contextualização do conceito e da história do currículo e aponta vestígios do Currículo desde a Roma Antiga apresentando três definições do Currículo daquele período, o primeiro significava carreira: o segundo, controle no processo de ensino-aprendizagem e o terceiro, um “plano de estudos proposto e imposto aos professores pela escola”.

O currículo se mostra como uma arena de disputa disseminando ideias pautadas nos interesses da classe burguesa, que por sua vez, utilizava o currículo escolar para propagar “suas ideias sobre o mundo social, garantindo assim a reprodução da estrutura social existente”, como afirmam Moreira e Silva.

Com base nas afirmações contextualizadas pelos autores de formas intrínsecas nas relações de poder existentes na teorização do currículo, amalgamadas no âmbito educacional, buscamos compreender os aspectos que permeiam o currículo do Curso de Letras Vernáculas do Campus II da UNEB, inicialmente, com base também nas contribuições de Paiva (2005). Outra discussão que envolve o currículo é a interculturalidade educacional, na qual, como aporte teórico recorreremos a Santiago, Akkari e Marques (2013) e Catharine Wash (2009).

## **2 INTERCULTURALIDADE EDUCACIONAL**

Segundo Santiago, Akkari e Marques (2013, p. 15), “a interculturalidade crítica no contexto educacional brasileiro”, surge no País na década de 1980 após a Ditadura Militar, como forma de homogeneizar a cultura relacionando-a aos grupos excluídos até então. Consideremos também as mudanças ocorridas na política, na economia, no contexto social, mas, sobretudo, educacional. Além dos marcos legais, que surgem como instrumentos norteadores para fomentar o estado democrático, explicitando direitos e garantias fundamentais.

O conceito de interculturalidade é bastante polêmico e complexo para alguns estudiosos, pois, ganha contorno diferenciado para as relações políticas do Estado e para as reivindicações dos movimentos sociais. O conceito também é identificado pelas representatividades de liberdade, independência e transparência dentro das características que compõem as democracias modernas, que perpassam pela Bolívia, Equador e outros países elencados nas discussões discorridas por Catharine Wash (2009).

Segundo Catherine Walsh, esse conceito surge no Brasil durante os anos 90 do século XX, virou modismo durante algum tempo, “está presente nas políticas públicas e nas reformas educativas e constitucionais e é um eixo importante tanto na esfera nacional-institucional como no âmbito inter/transnacional” (WALSH, 2009, p. 1).

A interculturalidade *relacional*, promove de forma simples o “intercambio entre culturas”; a *interculturalidade funcional*, imbrica “no reconhecimento da diversidade e diferenças culturais, visando a inclusão desta no interior da estrutura social estabelecida e a perspectiva do multiculturalismo é a *interculturalidade crítica*, que discute a causa, ou seja, buscar descobrir a raiz do problema apresentado e dialoga, debate de forma diversificada as questões imbricadas.

## CONCLUSÃO

A história da educação, como podemos perceber, envolvem vários aspectos implicados na história do país, cada um desses aspectos tem sua relevância para nos constituirmos enquanto seres sociais, culturais, políticos, educacionais dentre outros. Não seria possível falar de currículo sem perpassar pela história que nos constituem enquanto sujeitos em formação. Por essa razão, os autores elencados para este trabalho, problematizam conceitos e concepções que corroboram para a busca de outros enfoques já abordados, mas que precisam serem esmiunçados de outro/s ponto/s de vista.

Levantamentos feitos a partir de vários questionamentos voltados para a educação, direcionam para diversos diálogos, no entanto, no momento vamos nos ater para a discussão do ponto de vista das interfaces do currículo do Curso de Letras Vernáculas do Campus II da UNEB em Alagoinhas, na perspectiva de traçar sua história desde seus primeiros passos no período que antecede a própria UNEB no município. Para tanto, o diálogo elencado com os autores em voga, são imprescindíveis para endossar a presente pesquisa.

Devido a limitação deste trabalho, não foi possível incluir outros autores que serão incluso no trabalho final, pois, serão de grande valia para uma discussão aprimorada. Os autores aqui expressos, através das suas obras, consolidam os conceitos e concepções principais deste trabalho, tanto no campo da história da educação, como também da interculturalidade educacional, testemunhando o nascimento e a história do currículo em geral e o currículo do curso de Letras Vernáculas.

## REFERÊNCIAS

BACELLAR, Carlos. *Fontes Históricas* / Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). – 3. ed., 3. reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

BRASIL, RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, de 18 de Fevereiro de 2002.

- MACEDO, Roberto Sidnei. *Currículo: campo, conceito e pesquisa* / Roberto Sidnei Macedo. – 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MACEDO, Roberto Sidnei. *Crhysallís, currículo e complexidade: a perspectiva crítico-multirreferencial e o currículo contemporâneo* / Roberto Sidnei Macedo. - Salvador: EDUFBA, 2002.
- MARQUES, Reinaldo. *Memória literária arquivada*/Reinaldo Marques. Revista Aletria, jul. – dez. – v. 18, 2008.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *O novo perfil dos cursos de licenciatura em letras* (FALE/UFMG, 2005).
- SACRISTÁN, José Gimeno. *Saberes e incertezas do currículo*. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SANTIAGO, Mylene Cristina. *Educação intercultural: desafios e possibilidades* / Mylene Cristina Santiago, Abdeljalil Akkari, Luciana Pacheco Marques. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil* / Dermeval Saviani. – 4. ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2013. - (Coleção memória da educação)
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade; uma introdução as teorias do currículo*/Tadeu Tomaz da Silva. – 2, ed., 9ª reimp. – Belo Horizonte: Autentica, 2005.
- WALSH, Catherine. *Interculturalidade crítica e educação intercultural*. Este artigo é uma ampliação da exposição apresentada no Seminário “Interculturalidad y Educación Intercultural”, organizado pelo Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz, 9-11 de marzo de 2009.